

MUNDO DO LEITE

Fev/Mar 2018 - Ano 15 - N° 89 - R\$ 10,00 - www.mundodoleite.com.br

mídia
DBO

Leite em voz alta

Geraldo Borges, presidente da Abraleite,
sobe o tom em nome dos produtores

Uruguai

Depois do susto,
novos mercados

Irrigação

Alta produtividade
sem dar na vista

Frísia

A cooperativa que
faz o dever de casa

Ao leitor

Talvez a primeira entidade de produtores rurais a romper com o cartorialismo que por décadas tomou conta das organizações do setor foi a Associação Mato-grossense dos Produtores de Algodão, a Ampa. O hoje ministro Blairo Maggi foi um dos articuladores da sua criação e seu primeiro presidente. A partir do exemplo da Ampa, surgiu a Aprosoja MT, e daí pipocaram novas entidades Brasil afora.

As duas associações provocaram uma pororoca nas antigas entidades patronais pelo profissionalismo, clareza de propósitos e ação política em defesa dos seus segmentos. Os ministérios da Agricultura, da Fazenda, do Planejamento, dos Transportes, entre outros órgãos governamentais e bancos públicos, tiveram que se mexer para atender às demandas dos produtores organizados. Para evitar as constantes viagens a Brasília, os agricultores se organizaram nos Estados e montaram suas sedes nacionais na capital federal – Abrapa e Aprosoja Brasil. Ali, executivos bem-preparados não dão descanso ao Executivo e ao Legislativo. E têm, ao longo do tempo, obtido várias conquistas.

Conto toda esta história para saudar a criação da Associação Brasileira dos Produtores de Leite (Abraleite), inspirada exatamente na atuação das coirmãs do agro. A entrevista de seu presidente, Geraldo Borges, é indicativa de que os produtores de leite enfim têm uma entidade combativa e atuante, focada em seus interesses. **Sérgio de Oliveira**



Capa 4 **Entrevista** *Geraldo Borges, presidente da Abraleite, fala sobre os projetos de interesse do produtor de leite que estão no Congresso e analisa a representação política do setor.*

UrUgUai

12 Ameaça de suspensão das importações de lácteos assustou

CoopErativas

16 Frísia elege a gestão como foco principal em 2018

prodUtor SECrEto

18 Aprendendo com os erros: mas sem perder a esperança

Saúde animal

22 Papilomatose: uma doença cuja gravidade está na cara

TECnologia

24 Com irrigação subterrânea produtividade se mantém o ano todo

nUtrição

28 Aminoácidos “protegidos” não são para qualquer rebanho

SilagEm

30 Para não esquentar a cabeça no inverno, prepare o silo agora

SUpLEmEntação

31 Faça chuva ou sol, seus animais precisam de proteína e energia

ColUnistas

8 Christiano Nascif: Quando flexibilizar o sistema de produção

10 Marcelo de Rezende enaltece a grandeza do leite

15 Sergio Saud: A hora certa de inseminar as suas vacas!

20 Alexandre Pedroso fala sobre o aleitamento de bezerras

34 Ismail Ramalho Haddade: Tecnologia não substitui conhecimento

Mundo do Leite

É uma publicação bimestral da DBO Editores Associados Ltda., com circulação em fevereiro, abril, junho, agosto, outubro e dezembro.

Instituto Verificador de Comunicação **IVC** Tragem e circulação auditadas

Diretores
Daniel Bilk Costa, Demétrio Costa e Odemar Costa

Diretor responsável
Demétrio Costa

redação
Editor: Sérgio de Oliveira
sergio.oliveira@mundodoleite.com.br

Consultor técnico Zootecnista
Edson Gonçalves

Colaboradores
Ariosto Mesquita, Cris Olivette, Luiz Antonio Cintra, Niza Souza, Tatiana Souto

arte Editor
Edgar Pera

editoração
Edson Alves

Coordenação Gráfica
Walter Simões

Circulação e assinatura
GERENTE:
Margarete Basile

Coordenador de Marketing
Gerente:
rosana Minante
rosana@mdiaadbo.com.br

executivos de contas
Andréa Canal, José Geraldo Caetano, Maria Aparecida de Oliveira, Mario Vanzo, Marlene Orlovas e Vanda Motta

impressão e acabamento
São Francisco Gráfica e Editora

DBO EDITORES ASSOCIADOS LTDA.
rua Dona Germaine Burchard, 229
Perdizes, São Paulo – SP – 05002-900
t el.: **11 3879-7099 e 3803-5500** - www.portaldbo.com.br
e-mail: redacao@mundodoleite.com.br

A nova voz do leite

Com uma vida política ativa, Geraldo Borges, 47 anos, já foi por duas vezes presidente do Sindicato Rural de Brasília - hoje é vice-presidente da entidade e conselheiro da Associação Nacional do Girolando e da Federação da Agricultura do DF, além de produtor rural no Pará e em Minas Gerais. Foi assistindo ao protagonismo de entidades como a Aprosoja que surgiu a ideia de montar uma associação que “realmente representasse os produtores de leite”. Em julho de 2017 nasceu a Abraleite, entidade da qual Borges é o primeiro presidente.



*Presidente da Abraleite

Mundo do Leite - Qual é a pauta para 2018?

Geraldo Borges - Em termos de Congresso Nacional, a gente vai ter uma luta grande. São dez Projetos de Lei que dizem respeito ao leite e que beneficiam produtores de todo o Brasil. Vamos trabalhar muito em cima da aprovação desses projetos. Alguns já estão no Senado, outros estão pra sair da Câmara para o Senado...

ML - O senhor pode destacar os mais relevantes?

GB - Tem um projeto de lei que já está no Senado e outro muito parecido na Câmara que obrigam que tenha uma paridade de condições entre os países do Mercosul para que o produtor brasileiro não seja penalizado. Nós temos uma cascata enorme de impostos que eles não têm - Argentina não tem, Uruguai e outros países que pro-

duzem leite e acabam concorrendo com o Brasil não têm - como também nós temos um Código Florestal rigoroso, e eles não têm. Existem diferenças muito grandes e as regras comerciais da OMC não permitem isso, mas o Mercosul está deixando acontecer. Os projetos em andamento vão buscar essa equivalência, e isso vai fazer com que o Uruguai, por exemplo, deixe de mandar leite para o Brasil por um bom tempo até se adequar às nossas condições.

ML - Quais os outros?

GB - Um outro projeto obriga a utilização da palavra leite somente para produtos que são exclusivamente leite. Leite de soja, leite de coco, leite de arroz, leite de amêndoa não poderiam mais usar a palavra leite. E também aqueles produtos mistos, vendidos em caixinhas, para crianças, onde existe uma série de outros produtos misturados. Às vezes o leite é o menor ingrediente do pro-

duto. Nosso objetivo não é atacar ninguém, e sim criar uma organização na cadeia produtiva, porque tem profissionais falando mal do leite e certamente quem tem interesse em vender um produto que substitui o leite é que está por trás disso. Isso engana o consumidor, levado a consumir um produto que não é verdadeiramente leite, através da utilização errada da palavra. Essas indústrias que produzem esses produtos possivelmente são as que patrocinam médicos e outros palestrantes que têm falado mal do leite de vaca, às vezes sem nenhum tipo de comprovação científica.

ML - Algum outro projeto que o senhor destacaria?

GB - Todos os projetos que estão em tramitação são importantes, mas destaco o projeto que altera a única lei que trata especificamente do leite, a 12.669, de 2012, porque ela é inócua. Queremos torná-la eficaz.

ML- Como assim?

GB - Hoje ela apenas diz que as empresas deverão informar a cada dia 25 o valor que irão pagar pelo leite. O projeto tinha uma abrangência muito maior: obrigava a existir contrato de fornecimento de leite, coisa que não há. Isso gera uma insegurança muito grande. Se não tem contrato não tem nem aviso prévio, então elas dizem “a partir de hoje não busco mais seu leite”. É assim que funciona o mercado hoje. Essa obrigatoriedade existia no projeto, mas na aprovação da lei, como não existia uma Abraleite para cuidar disso, houve gestão dos laticínios e conseguiram retirar do projeto partes importantes como a obrigatoriedade do contrato, a obrigatoriedade de 60 ou 90 dias de aviso prévio, a obrigatoriedade de realmente informar um preço verídico e não vir com subterfúgios, como o de dizer “Vamos pagar 30 centavos o litro de leite, mas, se tiver qualidade, pode ganhar mais 20 centavos”... Criam escala de exigências. Por exemplo, criam uma tabela de volume: para quem entregar até mil litros o preço é X, de mil a cinco mil litros é Y, de cinco mil pra cima é Z. A grande maioria das indústrias coloca lá na fatura quanto vai ser o leite fornecido nos próximos dias, seguindo essa lei, mas acharam subterfúgios: deram um preço ao leite-base, de 30 a 40 centavos, e o resto o produtor fica a ver navios. São metas inatingíveis de qualidade, de volume, etc. A gente quer retirar esses subterfúgios também. Moralizar a cadeia produtiva.

ML - Mais algum destaque?

GB - Existe um projeto de lei que estava parado há quatro ou cinco anos na Câmara e a Abraleite conseguiu que fosse aprovado e encaminhado ao Senado. Ele proíbe a aquisição via governos - estaduais, prefeituras e governo federal - de todos os produtos lácteos - leite, leite em pó, soro, bebida láctea, iogurte, queijo, etc -, produzidos por outros países. Essa lei, inclusive, acabaria com o excesso de leite que veio do Uruguai, o descontrolado das importações do Uruguai - não existe nenhum tipo de cota de importação, o que acaba ajudando a complicar mais nossa cadeia produtiva.

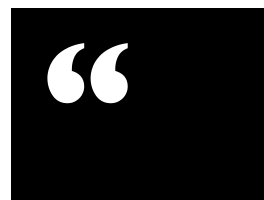
ML- E as demandas no executivo?

GB - Algumas começaram a ser atendidas. Dentre elas a desoneração da cadeia produtiva, principalmente do produtor de leite. Essa desoneração deve ser feita de várias formas. Por exemplo: hoje nós pagamos de 50% a 75% de imposto sobre equipamentos, implementos e insumos, enquanto o Chile paga 3%. Aquele robô que faz a ordenha, no Brasil são 75% de impostos, no Chile chega apenas a 3% de impostos. Não tem como ser competitivo com um Custo Brasil desses nas costas. O país precisa ter, seja sob forma de incentivo fiscal, seja sob forma de baixar o imposto, condições de competir em igualdade de condições. Também pedimos que no Plano Agrícola e Pecuário o leite fosse tratado com mais atenção, com prazos maiores de carência e taxas menores, entre outros pleitos.

ML - Qual a sensibilidade do governo a esses pleitos?

GB - Eles dizem que existe sensibilidade, mas que no momento os governos estaduais e federal estão com dificuldade e não podem abrir mão de arrecadação. Mas tem que se criar maneiras. Se não criar, vai ser sempre pelo Legislativo. Por exemplo, nas rações para bovinos já caminhou, é um dos projetos que falei, passou pela Câmara e agora deve estar indo pro Senado, que prevê a redução de impostos nas rações. Isso geraria uma economia de 9% para o produtor. Quando a gente percebe que o Executivo não vai resolver nós procuramos o Legislativo.

Um outro projeto que está bem adiantado é o do queijo artesanal, porque ele viabiliza um ganho econômico, uma agregação de valor ao leite dos pequenos produtores. Um número grande de produtores faz queijo, em torno de 200 mil em todo o país. Eles não têm como ter ganho em escala, em volume de leite, então a maneira que eles têm de sair dessa crise é agregar valor no seu produto. Esse projeto viabiliza que qualquer queijo produzido artesanalmente em qualquer região do país possa ser comercializado em todo o país. Para não acontecer o que aconteceu no Rock'n Rio



Nós pagamos 75% de impostos sobre equipamentos, no Chile é 3%. Ninguém suporta esse Custo Brasil”

com o queijo da Canastra, que é um queijo altamente respeitado, e que teve que ser descartado, jogado fora, por uma questão de legislação falha. O queijo era de excelente qualidade mas não tinha autorização para ser comercializado fora de Minas.

ML - Como o senhor vê a questão da assistência técnica no Brasil?

GB - Nós procuramos a Associação Brasileira das Entidades Estaduais de Assistência Técnica e Extensão Rural (Asbraer) logo após a criação da Abraleite, em julho de 2017. Iniciamos uma parceria e agora em janeiro tivemos uma reunião com o objetivo de aproximar todas as Emateres do país dos produtores de leite. A intenção é fazer um trabalho conjunto de melhoria da assistência técnica aos produtores de todo o Brasil. A gente sabe que tem algumas unidades que funcionam bem, como a de Minas, a do Distrito Federal, mas tem muitas que estão sucateadas, com problemas. Estamos solicitando aos estados e ao governo federal que essas Emateres que estão sucateadas tenham algum tipo de avanço e possam oferecer um serviço constante de assistência técnica ao produtor, com metodologia, com visitas, com supervisão. O pequeno precisa crescer, melhorar a produtividade, a qualidade, nós temos números que precisam ser melhorados no país como um todo.

ML - Por que foi criada a Abraleite?

GB - Este é um assunto muito delicado, porque existiam e existem entidades que atuavam e atuam, não de maneira exclusiva, com o assunto leite. Mas atuavam e atuam como representantes de classe. Podemos citar a CNA e a OCB a nível nacional e podemos citar as cooperativas e as federações de estados. E os sindicatos também, a nível municipal. Representantes têm muitos. O objetivo da Abraleite não foi vir para tomar espaço nem substituir nenhuma dessas entidades. Nosso objetivo, a nossa visão e o nosso papel é de vir completar, somar a essas entidades, tanto que no nosso quadro associativo existem centenas de sindicatos filiados - não só os presidentes, diretores, mas a própria entidade filiada, em praticamente todos os estados. Nós temos algumas federações de Agricultura que já se filiaram, várias cooperativas, várias associações regionais de produtores (várias Aproveites Brasil a fora) e isso mostra que a gente veio criar realmente uma união no setor. É uma entidade que fala leite, respira leite 24 horas por dia, 365 dias por ano. Talvez essas outras entidades não possam fazer isso com exclusividade porque elas atuam em defesa de vários segmentos produtivos. Como nós, existem várias outras associações de cunho nacional que estão trabalhando e lutando pela defesa do produtor específico daquela atividade. Posso citar a Abramilho, a Aprosoja, a Aprotrigo, Abrapa, do algodão, e por aí vai. Nós não estamos inovando. Na verdade nós estamos correndo atrás do tempo perdido.

ML - Mas havia, e há ainda, a Leite Brasil...

GB - A Leite Brasil... Inclusive ela tem o nome de Associação Brasileira dos Produtores de Leite também. A Abraleite tem diferenciais em relação à Leite Brasil que fizeram com que a gente criasse essa entidade. Um deles é não ter vínculos com empresas de laticínio, e a Leite Brasil sempre teve, até no seu próprio estatuto. Ela sobrevive com arrecadação advinda de sete laticínios. Não que a Abraleite tenha os laticínios como inimigos, de maneira nenhuma, é um elo importante da cadeia, tanto quanto os



Não podemos ter a indústria nas decisões da associação que representa os produtores de leite do país”

produtores, o varejo e o atacado, mas que precisa cuidar das suas associações e deixar que os produtores cuidem das suas entidades. Nós não podemos ter nas decisões da associação que representa os produtores de leite a indústria, que, na maior parte das vezes, taxa o produtor até de ignorante. E a nossa classe é muito desunida e muito desorganizada, grande parte até desinformada. A ponto de, nesses anos todos, não ter tido representação. Nenhum produtor de leite do Brasil se sente representado pela Leite Brasil. Isso eu digo no presente, nos últimos anos. Ela começou atuando bem, o Jorge Rubez teve um papel importante, mas ela se perdeu no tempo. Talvez a gente entenda que ela caiu nesse anonimato, nessa fase ruim, podemos dizer de 2006 para cá, justamente pelo fato de ela ter esse envolvimento com os laticínios e não um envolvimento a nível nacional como a Abraleite. Nós somos milhares de associados em pouquíssimos meses. Nós tivemos o cuidado de trazer para nossa entidade produtores de todos os níveis, de todas as escalas de produção, da agricultura familiar aos maiores do Brasil. Eu e os 532 sócios-fundadores da Abraleite não nos sentíamos representados. Se uma entidade nasce com essa quantidade de sócios-fundadores é porque a classe está pedindo para ser representada, né? Houve um diálogo com a Leite Brasil, o próprio Jorge Rubez fez uma proposta para que fundássemos, e não criássemos a Abraleite, mas não foi aceita porque a proposta dele era que poderia ser a

diretoria que a gente estava montando, que a sede poderia ser transferida de São Paulo para Brasília, mas quando esbarrou na participação dos laticínios não deram nem resposta pra nós. A diretoria que estávamos criando aqui e os sócios-fundadores não aceitariam continuar recebendo dinheiro dos laticínios. “Ah, mas o laticínio debitou da conta do produtor...” Não interessa. Passou pela mão do laticínio, o laticínio fez essa gestão do dinheiro e essa entidade tem uma satisfação a dar a esses laticínios. Dessa forma ela não representa única e exclusivamente os produtores de leite.

ML - Como funciona a Câmara Setorial do Leite?

GB - A gente percebe que há visões antagônicas, opiniões antagônicas e defesas antagônicas principalmente dentro do governo federal quando se fala em Câmara Setorial do Leite. A indústria está super-bem representada lá, enquanto que nós, produtores, estamos pouquíssimamente representados. O número de entidades que representa a indústria é três vezes maior do que o número de entidades que representa os produtores, isso dentro da nossa casa, o Ministério da Agricultura. Será que não existe algo errado? A gente começa a entender que as decisões sempre foram tomadas em prol da indústria e nunca em prol do produtor e nem em prol da cadeia produtiva. Usaram esse termo cadeia produtiva errado durante anos, né? E quando se aperta falam que é o varejo, que é o atacado que detona. Eles devem ter também um trabalho difícil, mas essa ponte quem faz é a indústria, não é outro elo que faz essa ponte entre o produtor e o comércio. Nós produtores precisamos ter postura, precisamos ter posição. Tem momentos que nós vamos ser parceiros mas tem momentos que nós vamos impor respeito. É a única atividade em que o dono do produto não põe preço e não põe prazo de pagamento. Isso não existe. Temos amizade, temos respeito, porém precisamos mudar isso, e vamos mudar. Somos mais de 1 milhão de produtores, a maior categoria de produtores rurais do país, e não podemos ficar de braços cruzados.